

Refletindo Sobre a Objetividade: uma Experiência Didática sobre o Positivismo de Comte

Autoria: Leonel Gois Lima Oliveira, Carlos Eduardo Franco Azevedo, Rafael Kuramoto Gonzalez, Márcio Moutinho Abdalla

Resumo

O positivismo surgiu como a primeira corrente de pensamento sistematizada reconhecida como uma epistemologia. Buscou-se sistematizar uma forma de estudo da epistemologia positivista, propiciando um melhor aproveitamento didático-pedagógico dos estudantes. O estudo empírico realizou-se a partir de uma abordagem qualitativa, relatando uma experiência didática, na forma de oficina. Esta serviu como caso a ser estudado, pois neste ambiente se pode interagir com doutorando do curso de Administração. Através deste relato debateu-se acerca dos principais conceitos da epistemologia positivista e forneceu insumos didático-pedagógicos àqueles que desejam explorar encontros sobre esta temática nos níveis de graduação ou pós-graduação.

1. Introdução

O paradigma positivista foi a primeira corrente de pensamento sistematizada, reconhecida como uma epistemologia. Segundo Costa (2005), fora a primeira a estabelecer precisamente o objeto de investigação, a direcionar métodos e a definir conceitos. Em linhas gerais, o positivismo, segundo Abbragnano (1970), é um termo que caracteriza epistemologias que buscam explicar e prever acontecimentos do mundo social, buscando causalidades. De acordo com Johnson e Duberley (2000), apesar de a busca por verdades absolutas, por intermédio da objetividade, remontar a épocas anteriores a Platão, a corrente epistemológica intitulada positivismo surgiu em um período pós-iluminista. Certamente, a figura mais referenciada nesse contexto é Auguste Comte, especialmente por ter cunhado tanto o termo positivismo, quanto a denominação sociologia. O pensamento positivo marca a sobreposição do concreto e observável ao imaginado e interpretável (Oliveira, Costa & Kovacs, 2011).

Este artigo tem por objetivo apresentar as principais ideias e sistematizar uma forma de estudo da epistemologia positivista, de modo a propiciar um melhor aproveitamento didático-pedagógico dos estudantes, especialmente em nível de pós-graduação *Stricto Sensu*. Buscou-se especificamente os seguintes objetivos: (i) apresentar uma proposta didático-pedagógica para o estudo do positivismo na área de Administração; (ii) apresentar os resultados da prática desta proposta, na forma de oficina, numa turma de doutorado em administração; e (iii) apresentar elementos resultantes da experiência em sala de aula que permitam a ligação do positivismo com outras epistemologias.

O artigo está estruturado em mais quatro seções, sendo que, na primeira, foi fornecida uma contextualização da epistemologia no tempo e espaço. Na seguinte, abordaram-se aspectos teóricos inerentes à epistemologia positivista. Em seguida, nas seções 3.1. e 3.2., para facilitar a interação entre professores e alunos em sala de aula, buscou-se explorar as principais contribuições da filosofia de Comte, no Brasil, no século XIX. Este período foi selecionado para ser analisado, pois, devido às várias transformações sociais, econômicas e políticas pelas quais o país passou na época, é possível fazer um diálogo do positivismo em conjunto com a ótica do binômio ruptura-continuidade presentes nos pensamentos de Gaston Bachelard e de Thomas Kuhn. Após isso, foi apontada uma breve lembrança da contribuição da epistemologia de Comte no século XX. E, por fim, colocou-se em evidência a questão do positivismo na atualidade. Especificamente no tópico 3.3, apresentamos como o Positivismo é empregado em pesquisas na ciência da Administração.

No item 4, discutiu-se os procedimentos metodológicos adotados e na seção 5, apresentamos uma experiência de proposta didático-pedagógica com fins de auxiliar docentes e discentes na condução de aulas voltadas a essa temática. Por fim, no tópico 6 são apresentadas as considerações finais da proposta.

2. Contextualização

O positivismo busca, sob a forma simplificada de seu método de investigação, revelar, assim como nas ciências naturais (a física, a química e a biologia, por exemplo) leis gerais que regulam as relações sociais (Costa, 2005). Esse desejo de apropriar-se dos métodos empregados nas ciências físicas e naturais, com intuito de empregá-los nas ciências sociais, direcionou os filósofos à compreensão da realidade social fundada em verdades monolíticas e indissolúveis. Destaca-se uma interessante sutileza deste processo quando Comte, ainda em fase incipiente de seu trabalho, chama a atual sociologia de “*física social*” (Giannotti, 2007). As inquietações que levam um filósofo a buscar o conhecimento, possivelmente, fomentaram a concepção da abordagem positivista.

Apesar das limitações dessa abordagem epistemológica, cabe destacar o mérito de seu esforço inicial em sistematizar as análises científicas da sociedade. É interessante mencionar que, embora a abordagem seja duramente criticada, é amplamente empregada em pesquisas de administração, apesar de o termo em si não ser frequentemente adotado e, segundo Johnson e Duberley (2000), quando usado, a conotação é crítica, ou ainda, de distanciamento.

3. Aspectos Teóricos

Nesta seção buscou-se explorar as principais contribuições da filosofia positivista desde o século XIX. Para tanto, foram discutidos os seguintes pontos: o surgimento do positivismo; o legado da epistemologia de Comte, fazendo uma análise dessa herança com base no binômio ruptura-continuidade de Bachelard e de Kuhn e; por fim, abordamos a forma como o positivismo se relaciona com os estudos de administração.

3.1. E Assim nasceu o Positivismo...

O fundador da mais influente epistemologia dos últimos séculos foi Auguste Comte, um filósofo francês, nascido em 1798. Em 1814, Comte ingressou na École Polytechnique, em Paris. Na passagem por aquela escola, sua convivência com Saint-Simon (1760-1825), que tanto o entusiasmou, e com outros intelectuais importantes como Turjot e Adam Smith, influenciaram seu modo de pensar. Seus trabalhos tiveram grande repercussão no Brasil. Entre eles, destacam-se: O curso de filosofia Positiva, publicado entre 1830 e 1842 e o Sistema de Política Positiva, no qual ele expôs as normas da chamada “Religião da Humanidade”. Em sua primeira obra, Comte relatou que a humanidade passaria por “Três Estados”: o teológico, em que haveria predomínio das forças sobrenaturais; o metafísico, caracterizado pela crítica vazia, sem nexos e pela desordem espiritual, fruto do liberalismo; e o positivo, que superaria as explicações insuficientes do mundo, mediante a introdução das leis científicas no lugar das hipóteses religiosas ou metafísicas (Giannotti, 2007).

O Positivismo, como epistemologia, influenciou as ciências sociais por mais de um século. Desde 1830, quando foi empregado pela primeira vez por Saint-Simon, o termo abriu caminho para um estudo mais reflexivo sobre a ciência, sua organização, sua formação, seu funcionamento e produção intelectual (Japiassu, 1992). A gênese do Positivismo ocorreu no século XIX, num momento de transformações sociais, econômicas, políticas, ideológicas, tecnológicas e científicas profundas decorrentes da consolidação do capitalismo, como modo de produção, por meio da propagação das atividades industriais na Europa e outras regiões do mundo. O “século de Comte” e da França foi marcado pela busca constante de uma “Deusa” chamada razão. Comte depositou sua fé numa “Nova Religião”, caracterizada pela junção entre a ciência e a tecnologia, tidas como a panaceia da humanidade, no contexto da expansão do capitalismo industrial (Valentim, 2010).

Na doutrina de Comte, o indivíduo é analisado como integrante de um organismo coletivo e se subordina à família, à Pátria e à humanidade. O grande lema positivista é: o amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim (Comte, 1978). A filosofia de Comte não aceita que a explicação dos fenômenos naturais, assim como os sociais, provenha de um só princípio. Nela, a visão dos fatos abandona a consideração das causas dos fenômenos (Deus ou natureza) e pesquisa suas leis.

No Brasil, o positivismo foi dividido em duas correntes distintas: a ortodoxa, seguidora da Religião da Humanidade, representada pelos apóstolos Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927), que em 1881 fundaram a Igreja Positivista Brasileira; e a dissidente ou heterodoxa, cujos nomes mais importantes foram Luis Pereira Barreto, Alberto Salles, Pedro Lessa e o Tenente Coronel Benjamin Constant. O crescimento do interesse por

esta filosofia acabou provocando um fenômeno, que ganhou mais repercussão no Brasil que na própria França (Lins, 1964).

Durante muitos anos admitiu-se que o positivismo tivesse penetrado no Brasil pelo ensino das ciências exatas, através da Escola Militar e da Marinha de Guerra ou das lições de química e física da Escola Politécnica. Embora a influência maior tenha se dado por essa via, sabe-se que em 1844, Justiniano da Silva Gomes defendeu sua tese na área de biologia, aludindo explicitamente a Auguste Comte, à Lei dos Três Estados e ao Método Positivo. Por essa razão, Lins (1964) considera Justiniano o primeiro positivista brasileiro.

Lins (1964) comenta, ainda, que o passo mais importante, contudo, fora dado por Luís Pereira Barreto (1840 - 1923), com a obra “As Três Filosofias”, na qual a positivista era apontada como capaz de substituir a tutela intelectual exercida pela Igreja Católica. Aponta também, que a grande adesão, senão a principal delas, foi a de Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836 - 1891), consagrado mestre da Escola Militar, devido à sua grande competência didática (Lins, 1964).

Benjamin Constant nasceu em Niterói. Foi militar, engenheiro, professor e estadista. Adepto do positivismo, em sua vertente filosófica e religiosa - cujas ideias difundiram-se entre a jovem oficialidade do Exército. Participou da Guerra do Paraguai, construiu pontes, trincheiras e fez mapas. Pegou malária nesta Guerra e, ao voltar ao Brasil, a doença foi gradativamente o debilitando, o que acabou provocando sua morte, aos 55 anos no ano de 1891 (Lins, 1964).

Apesar desse sacrifício à carreira militar, a vocação de Benjamin Constant não era essa. Inspirado pelo pai, Constant sempre quis ser professor. E foi nesta carreira que Benjamin mais contribuiu com a penetração das ideias positivistas no Brasil. É relevante ressaltar que sua ação profissional se deu em torno das primeiras instituições brasileiras, onde ensinou matemática de nível superior. Mas foi nas Escolas Militares que ele se tornou o grande divulgador da filosofia positivista, e um líder entre os militares, o que acabou resultando em grandes transformações políticas e educacionais no Brasil (Lins, 1964).

3.2. Positivismo no Brasil: o legado positivista no final do século XIX e uma análise dessa herança com base no binômio ruptura-continuidade de Bachelard e de Kuhn

Trata-se de uma tarefa extremamente ousada analisar a herança positivista sob a ótica de outros filósofos. Mais ousado ainda é inserir alguns pontos de vistas de Gaston Bachelard e Thomas Kuhn sob uma mesma perspectiva. O quadro se torna mais complexo, quando se faz isso nos limites de um artigo. Por esta razão, escolheu-se um único enfoque, uma única linha de abordagem, que privilegie alguns conceitos e, assim, se estabeleça um paralelo entre as epistemologias de três grandes filósofos: Comte, Bachelard e Kuhn. Julgou-se que esta prática poderá contribuir para que professores e alunos possam interligar o positivismo com outras epistemologias, evidenciando algumas semelhanças e diferenças existentes entre as mesmas.

Para facilitar o entendimento, optou-se por fazer a análise com base nos acontecimentos transcorridos no final do século XIX, quando as influências positivistas foram sentidas em todos os campos do poder nacional (econômico, social, político e militar) e contribuíram com a queda do Império e com a Proclamação da República.

O primeiro aspecto que a ser abordado consiste no episódio da abolição da escravidão que, para Comte, era uma maneira de incrementar a força de trabalho, que moveria a economia rumo ao progresso. Na visão epistemológica de Kuhn, isto apareceria como uma ruptura com a ordem social vigente, uma mudança de paradigma (Kuhn, 2003). Já para Bachelard (2005), o fenômeno caracterizaria uma forma de descontinuidade, pois se constituiria em um rompimento com os obstáculos epistemológicos que se colocavam para o indivíduo (o negro). A diferença é que enquanto o positivismo observava os escravos de forma

coletiva, Bachelard e Kuhn observariam o fenômeno com ênfase no escravo (indivíduo), no espírito científico que evolui superando obstáculos.

Outro aspecto que contribuiu para o fim do Império foi a questão militar. A posição secundária dada aos militares pelo Imperador D. Pedro II, por si só, já era uma quebra de paradigma, já que os militares tinham uma posição de destaque no Primeiro Reinado, ocasião em que os engenheiros militares construíram fortalezas com elevado grau de conhecimento científico e tecnológico. No Segundo Reinado, esse conhecimento se perdeu. Além disso, após a Guerra do Paraguai, o Brasil, vitorioso, se colocou em posição de destaque no cenário mundial. Na visão dos militares, que começavam a sofrer influências positivistas, difundidas por Benjamin Constant, caberia alforriar os soldados negros que lá combateram: “a missão do Exército era muito mais nobre do que caçar escravos fujões” (Azevedo, 2011). A partir de então, alguns militares encontraram na filosofia Comteana e nas questões que inquietavam o país (desordem social, crise abolicionista e religiosa, etc.), o suporte para rejeitar a cultura imperial, que se baseava nos estudos jurídicos e não nas ciências sociais e naturais. Utilizou-se, assim, o positivismo como um instrumento ideal para a formulação das exigências de uma nova forma de autoridade para o Brasil.

Naquela oportunidade, a elite brasileira percebeu que havia necessidade de ruptura com a ordem vigente. A monarquia estava enfraquecida, o paradigma vigente não estava atendendo mais às demandas sociais e, desse modo, era necessária a mudança de regime ou uma ruptura provocada por todas as camadas da sociedade. A união da questão militar, com as mazelas sociais, com a perda de poder da igreja e de parte da aristocracia serviu de munição explosiva para o estopim aceso no seio do corpo do Exército. Era justamente o que precisavam os jovens oficiais do Exército, para nortear suas decisões, num regime imperial em decadência. O homem que soube unir os ideais positivistas com os anseios da juventude militar foi Benjamin Constant. Isso ele fez mais como um “pacificador do que revolucionário; não destruiu, nem subverteu. Pelo contrário, poupou a Pátria da perturbação, desordem e morte. Em meio às espadas desnudas, era o símbolo da concórdia: persuadia, abrandava e dirigia” (Lins, 1964, p.314).

É possível conjecturar que, na visão de Benjamin Constant e da epistemologia de Comte, a ruptura provocada pela nova forma de governo não poderia significar uma continuidade das mazelas sociais vigentes no Império. Seria necessária uma conversão da população, que deveria caminhar de forma harmônica, ordenada e científica para o Progresso. Sob a ótica de Kuhn, o advento da República também significaria uma ruptura com o passado. Houve diálogo na sociedade, tensões foram geradas. Havia defensores para diversos paradigmas (monarquia, república, manutenção do Império, etc.). Para Kuhn, o que houve foi uma quebra de paradigma. Por outro lado, ao observar a população (o sujeito), provavelmente Kuhn afirmaria que, neste aspecto, houve um continuísmo da ordem social, já que não se modificou a condição de vida das massas. Segundo Azevedo (2011), seria muito difícil que uma população semianalfabeta se convertesse e, a partir daquele momento, assumisse uma condição que favorecesse o desenvolvimento científico. Este fato corrobora o pensamento de Kuhn, uma vez que um novo paradigma conserva boa parte das realizações científicas passadas, e que o novo conhecimento sempre resgata parte do anterior, sob nova ótica.

A ideia de continuidade parece ainda mais clara em Bachelard, uma vez que no conceito de perfil epistemológico está garantida a permanência das diversas doutrinas filosóficas. Assim, é possível presumir que Bachelard criticaria o positivismo que não conseguiu converter o pensamento da população que continuou com o pensamento subalterno e não se emancipou, como se ainda tivesse um senhor a obedecer. A Proclamação da República foi um evento que caracterizou muito bem o descontinuísmo histórico de Bachelard, no qual um momento histórico na ciência não é imediatamente seguido por outro sem que haja cortes ou rupturas.

No século XX, o positivismo foi gradativamente perdendo o ímpeto, mas deixou suas marcas. Pertencem ao saldo positivo: o pensamento antropológico antirracista; a exigência sempre reiterada da austeridade financeira no trato da coisa pública; o interesse pela humanização das condições de trabalho operário, que resultou em propostas de leis trabalhistas, implementadas quando políticos gaúchos de formação positivista ascenderam ao poder central em 1930 (Lins, 1964).

3.3. A Administração e o Positivismo

Vale ressaltar que, embora a abordagem positivista seja duramente criticada, é amplamente empregada em pesquisas de administração. Contudo, o termo “positivismo” não é empregado com frequência quando a abordagem é adotada. Alguns questionamentos podem nos ajudar no processo de condução do encontro pedagógico, levando os participantes a refletirem. Os autores sugerem as seguintes reflexões: por que pesquisadores evitam o uso do termo ao usarem a abordagem? Será que eles se envergonham em assumir o uso da abordagem epistemológica positivista? Haveria um recente preconceito da academia em relação a esse paradigma? O uso da abordagem seria suficiente para rotular um pesquisador como um “sujeito positivista”?

No processo de construção de conhecimento em administração, é comum que autores desenvolvam argumentos equivocados sobre o positivismo, por vezes tratando-o como uma abordagem metodológica (Azevedo *et al.*, 2011). O que esses autores não levam em consideração, é que uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, como por exemplo, a análise de conteúdo, pode empregar, sem maiores problemas, a abordagem epistemológica positivista (Dellagnelo & Silva, 2005). Mesmo abordagens metodológicas qualitativas, que não empregaram como paradigma epistemológico o positivismo, costumam sofrer fortes influências da corrente. Chizzotti (2003, p.228) reforça a argumentação alegando que “[...] a pesquisa qualitativa, ainda atada ao positivismo, empenha-se em dar uma fundamentação rigorosa e formalizar os métodos científicos qualitativos, recorrendo a algum expediente quantitativo”. Deste modo, frequentemente, é possível se deparar com pesquisas que aparentam seguir um protocolo ou uma regra geral: criticam o positivismo; apresentam alguma abordagem metodológica qualitativa e, ao final, “se desculpam” pela impossibilidade de seus resultados não poderem ser generalizados (ver Mattos, 2006).

Mesmo sob tantas críticas, problemas e lacunas, o paradigma positivista continua sendo amplamente utilizado. Por essa razão, permanecem as seguintes dúvidas: por que continua sendo usado? E, já que está sendo empregado, por que é tão criticado? Será que tais críticas não passam de um mero modismo? Recomenda-se o aprofundamento em alguns trabalhos que destacam a orientação positivista de pesquisadores em administração (Dalmoro, Corso, Faller & Wittmann, 2007; Vergara & Carvalho, 2002; Buelens, Woestyne, Mestdagh & Bouckenooghe, 2008; Grimmer & Hanson, 2007; Rodrigues & Carrieri, 2001; além de outros). É compreensível o desejo de pesquisadores pregarem e defenderem crenças acadêmicas, todavia o discurso, em termos gerais, parece se distanciar da prática a cada novo trabalho publicado.

4. Metodologia

Tendo em vista as características desta proposta de pesquisa, o estudo empírico realizado foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, dado que o interesse fundamental foi relatar uma experiência pedagógica, na forma de uma oficina. Os diversos relatos de processos de ensino e aprendizagem em Administração da obra de Davel, Vergara & Ghadiri (2007) serviram de referência para a elaboração deste estudo. Porém, o presente

trabalho se aproxima mais da descrição apresentada por Monteiro, Munhoz e Bertholini (2012) quando realizaram um encontro pedagógico com um grupo de doutorandos do curso de Administração para apresentar e vivenciar de forma prática aspectos relacionados à epistemologia Histórica e das ideias propostas por Gaston Bachelard.

O trabalho tem como propósito suprir uma lacuna encontrada em estudos da área de educação e ensino de Administração. São poucos os relatos encontrados na literatura que tratam de uma estrutura sistematizada de ensino na área. É possível encontrar estudos de mesma natureza na área de educação, educação física e ensino de ciências (Ex: Biologia, Física, Química, etc). Desta forma, este estudo procurou sistematizar e esquematizar um encontro pedagógico de epistemologia em Administração e por fim, organizar um relato que permita a replicação por outros estudiosos e educadores. Neste ponto, também, apresentam similaridades com a proposta de Monteiro, Munhoz e Bertholini (2012).

Os tipos de investigação utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a documental para um melhor embasamento do conteúdo exposto durante o encontro pedagógico. Foram objetos de consulta e análise as seguintes fontes de dados: livros, artigos, músicas e obras audiovisuais.

A realização de um encontro pedagógico, na forma de oficina, serviu como o caso a ser estudado, pois neste ambiente os pesquisadores puderam interagir com os alunos de uma turma de Doutorado em Administração. Esta experiência foi realizada no mês de abril de 2011 durante uma aula da disciplina de “Epistemologia” que foi realizada numa instituição de ensino no estado do Rio de Janeiro.

Na seção seguinte será relatado detalhadamente cada um dos passos realizados da oficina desde a etapa de planejamento até a conclusão da experiência, com a análise dos resultados obtidos.

5. Proposta de Desenvolvimento da Oficina

Nesta seção buscaram-se fornecer recursos didáticos para a condução de encontros pedagógicos, oficinas, aulas ou encontros pedagógicos que pretendem retratar a presença do positivismo e suas influências no cotidiano. O material escolhido pode ser utilizado tanto em atividades de nível graduação, como de nível pós-graduação *stricto sensu*. Para melhor ilustrar a proposta, apresenta-se a seguir as ferramentas que foram utilizadas na oficina.

5.1. O planejamento do encontro.

O encontro pedagógico foi desenhado e planejado para uma turma de doutorandos em administração. Portanto, foi necessário elaborar um detalhado e consistente planejamento de aula, embora fosse interessante dar liberdade para a criatividade aflorar no processo. Inicialmente, como fontes de inspiração, foram consultadas algumas atividades como exemplo que visam à utilização da arte em administração, principalmente, no contexto de ensino e aprendizagem (Carvalho & Davel, 2005; Davel, Vergara, & Ghadiri, 2007). Buscou-se tratar o positivismo e suas influências utilizando recursos de mídia. Para tanto, realizamos uma pesquisa preliminar em busca de poesias, letras de músicas, quadrinhos, documentários, seriados e filmes.

Após a busca e, tendo em vista a limitação de tempo para a realização do encontro, selecionou-se uma música como recurso à oficina e cópias da letra da música foram impressas para cada aluno. Escolheu-se também um capítulo de seriado de televisão como forma de analisar o emprego do paradigma positivista. Com os recursos em mente, iniciou-se a elaboração de um plano de aula para servir de orientação à futura viabilização do encontro. O resumo do plano de aula pode ser visualizado no Quadro 1, o qual está dividido conforme os

seguintes elementos: os assuntos escolhidos, as estratégias abordadas e os recursos utilizados para a melhor compreensão dos alunos em sala de aula.

Quadro 1
Resumo do Plano de Aula

Conteúdos (itens trabalhados durante a aula)	Estratégia (procedimentos de ensino)	Recursos (Materiais de apoio)
Visão inicial do Positivismo; Conceitos básicos; Pensamento de uma época no Brasil; Contexto nacional.	Abertura; Execução da música “Positivismo” do Noel Rosa e Orestes Barbosa; Interpretação da letra; Discussão em dupla; Levantamento de uma questão.	Letra da música impressa para cada dupla; Aparelho de áudio; Duração sugerida da atividade de 30 minutos.
O Positivismo no cotidiano; Método científico; A influência em algumas profissões;	Execução de um episódio do seriado “House” editado; 1º Momento - Interpretação do vídeo; Discussão em dupla; Levantamento de uma questão; 2º Momento – Discussão em quarteto; Levantamento de questão (tentativa de consenso)	Aparelho de projeção audiovisual; Duração sugerida: vídeo de 20 a 40 minutos; 1º momento de 25 minutos; 2º momento de 25 minutos
Contraponto de visões; Opiniões dos grupos; Nivelamento conceitual.	Apresentação das questões elaboradas pelos grupos; Explicação das interpretações;	Projeção das questões; Duração sugerida de 50 minutos.
Ligação do Positivismo com a área de Administração e com outras epistemologias; Apresentação de fraquezas, forças e peculiaridades do Positivismo;	Debate geral utilizando-se as questões formuladas anteriormente; Encerramento.	Duração sugerida de 50 minutos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante o planejamento do encontro pedagógico, estabeleceu-se o tempo necessário para a realização de cada atividade proposta. Para tanto, foi necessário editar o capítulo do seriado (filme em DVD), a fim de retirar alguns trechos que prolongariam a exibição e não seriam necessários à compreensão do que seria proposto em relação ao positivismo. A edição foi feita com o devido cuidado para não dificultar a compreensão da história apresentada.

5.2. A execução do plano no encontro pedagógico

Inicialmente, com auxílio de um projetor, apresentou-se aos alunos as atividades previstas e o planejamento do tempo de duração de cada atividade. Também vale ressaltar que os alunos foram instruídos a realizar leitura prévia sobre o tema em fontes indicadas (Vergara, 1990; Johnson, & Duberley, 2000). Foi enfatizado que todas as atividades deveriam seguir rigorosamente o cronograma proposto, pois atenderia aos princípios de ordem e progressos realçados pelo positivismo.

Dando continuidade, apresentou-se a letra da música “Positivismo”, escrita por Noel Rosa e Orestes Barbosa no ano de 1933, a qual pode ser lida no Quadro 2:

Em seguida, a letra da música foi distribuída para cada aluno. Enquanto a música tocava, os alunos puderam acompanhar atentamente cada um dos versos e estrofes, que estavam sendo projetadas na tela.

Em seguida, foi proposto que os alunos formassem duplas para discutir a letra da música segundo os conhecimentos adquiridos nas leituras prévias sobre o positivismo.

Sugeriu-se a eles que elaborassem, em conjunto, uma pergunta para um debate proposto para a parte final do encontro pedagógico.

Na segunda parte do encontro, exibiu-se o capítulo do seriado americano *House*, episódio 14 da 7ª temporada (Kelley & Clarkson, 2011). Este foi escolhido, em especial, devido ao fato de o mesmo apresentar elementos positivistas no ambiente da medicina. No filme, ao buscar identificar os mecanismos para cura de um paciente, a equipe médica estabelece diagnósticos a partir dos sintomas relatados pelo mesmo ou por exames clínicos realizados. Assim, buscam identificar a doença que origina todos os sintomas, na medida em que vai tratando o paciente, para evitar que ele sinta dores ou incômodos decorrentes da patologia não diagnosticada precisamente.

Quadro 2

Letra da Música Positivismo.

A verdade, meu amor, mora num poço É Pilatos lá na Bíblia quem nos diz E também faleceu por seu pescoço O autor da guilhotina de Paris (2x)	Desprezastes esta lei de Augusto Comte E fostes ser feliz longe de mim (duas vezes)
Vai, orgulhosa, querida Mas aceita esta lição: No câmbio incerto da vida A libra sempre é o coração	Vai, coração que não vibra Com teu juro exorbitante Transformar mais outra libra Em dívida flutuante
O amor vem por princípio, a ordem por base O progresso é que deve vir por fim	A intriga nasce num café pequeno Que se toma pra ver quem vai pagar Para não sentir mais o teu veneno Foi que eu já resolvi me envenenar

Fonte: Santos; Silva (2010).

Após a exibição do capítulo do seriado editado, foi solicitado aos alunos que, ainda em duplas, discutissem sobre as influências do positivismo no vídeo, ao mesmo tempo em que se questionava se eles gostariam de reescrever a questão formulada na etapa anterior. Em seguida, solicitou-se que os discentes formassem um quarteto, a partir da junção de duas duplas, numa tentativa de que pudessem discutir sobre uma posição distinta ou semelhante àquela já tratada nas duplas iniciais. Essa medida acabou se tornando uma espécie de triangulação entre os estudantes, para uma tentativa de consenso na formulação de uma pergunta única pelo quarteto formado.

Realizou-se um breve intervalo e, durante o mesmo, as questões formuladas pelos quartetos foram recolhidas. Inseriram-se as mesmas nos *slides* para estimular o debate posterior. Era esperado que fossem sete perguntas devido à quantidade de quartetos formados (sete). Todavia, no total, os alunos suscitaram o debate com quatorze perguntas que podem ser observadas no Quadro 3.

No retorno do intervalo, foi proposto que os alunos se sentassem formando um círculo na sala de aula, preferencialmente próximos aos integrantes dos quartetos formados. Apresentou-se, no projetor, cada uma das perguntas elaboradas e foi solicitado que um representante do quarteto explicasse o que levou à formulação daquele questionamento. Todos apresentaram os questionamentos formulados e escutaram o que foi proposto pelos demais colegas.

A partir dos questionamentos levantados, iniciou-se um debate geral com toda a turma sobre o positivismo, suas influências, semelhanças e diferenças com outras epistemologias e como essas questões foram apresentadas através dos recursos didáticos utilizados pela equipe que elaborou o encontro.

Quadro 3

*Perguntas formuladas pelos quartetos para o debate geral.***Quarteto 1**

- Até que ponto o positivismo é típico/inerente ao estudo de organizações empresariais modernas?
- Existe um vínculo entre epistemologia e o tipo de organização pesquisada?

Quarteto 2

- É possível haver uma abordagem única, de forma que se use somente o positivismo (ou a racionalidade analítico-empírica) para resolver problemas?
- Existe papel para a intuição no processo de descoberta ou ela se dá unicamente pelas evidências empíricas?

Quarteto 3

- O que é a verdade na ótica positivista? Não seria uma verdade muito generalizada para que possa funcionar em uma ciência social?
- O amor pelo princípio, a ordem por base, e o progresso por fim são os únicos caminhos para a felicidade? Noel Rosa acha que essa é uma questão relativa porque seu objetivo de amor foi feliz por outra via, contrariando o princípio da verdade absoluta e generalizada.

Quarteto 4

- É possível a Administração prescindir do positivismo?
- É desejável a Administração prescindir do positivismo?
- A redução de discussões complexas a testes de hipóteses pode desvincular a teoria da prática criando uma falsa (?) dicotomia entre estas duas dimensões/aspectos?
- O criador da guilhotina morreu decapitado... Neste caso, a relação sujeito/objeto resolveu-se de forma contundente?

Quarteto 5

- Considerando que a racionalidade analítico-empírica é orientadora das ciências sociais orientadas pelo positivismo, como se pressupõe trabalhos cujo teor metodológico necessariamente se sustenta em técnicas que consideram o sujeito como um sujeito cognoscente?
- O deslocamento da realidade social leva ao distanciamento da ciência para com o sujeito; propõe-se a existência de uma verdade única; onde o sujeito está situado no desenvolvimento teórico, por exemplo?

Quarteto 6

- Até que ponto é possível a separação entre o sujeito e o objeto de pesquisa? Ainda que possível, esta separação é ou não benéfica? Em que situações?

Quarteto 7

- Um conceito que permeia a Teoria das Organizações é o conceito de organizações reificadas. Considerando que a organização reificada escapa do indivíduo e se estabelecem num plano além do humano, ela não se tornaria um objeto sujeito a algum tipo de lei natural?

Fonte: Elaborado pelos autores com base na oficina realizada.

5.3. O debate em questão

As questões formuladas foram essenciais para a realização de um debate que permitiu uma boa finalização do encontro. Em algumas questões, os alunos chegaram a utilizar pequenos trechos da música de Noel Rosa e Orestes Barbosa. Tal fato demonstra-nos que a utilização de elementos de arte contribui bastante para alcançarmos os objetivos propostos. Os alunos utilizaram elementos de análise da música que corroboraram a breve explicação proposta por Tota (2001), na qual o autor ressalta as ideias do progresso bem como dos possíveis problemas aprofundados na época como os juros exorbitantes e com a dívida postergada pelo governo.

Em relação ao filme, pode-se afirmar que, mesmo com a decisão de apresentarmos um episódio que retrata um cenário do cotidiano de um hospital, os alunos elaboraram perguntas que demonstram a relação do positivismo com a Administração ou com os estudos das organizações, indo ao encontro do que foi proposto por Carvalho & Davel (2005) e Davel, Vergara, & Ghadiri (2007).

Outras questões buscaram identificar elementos característicos do positivismo como, por exemplo, a existência de uma única verdade, a relação entre sujeito/objeto e a possibilidade de generalização. O debate se prolongou até o final do horário estabelecido para a conclusão do encontro. Vale ressaltar que todas as atividades foram realizadas conforme estabelecido no cronograma. O recurso da verificação do tempo através de um cronômetro e da organização das atividades por etapas foram realçados pelos elaboradores do encontro como forma de demonstrar, na prática, a utilização de alguns elementos objetivos do positivismo.

Deste modo, acredita-se que o objetivo da realização do encontro/oficina foi alcançado. De uma forma lúdica, leve e criativa foram utilizados recursos que permitiram explorar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto, bem como àqueles abordados somente no próprio evento.

6. Considerações Finais

A discussão epistemológica da corrente positivista tem grande importância na ciência da Administração. Seu estudo e reflexão têm reconhecido espaço em pesquisas de diversos campos da Administração: Organizações, Estratégia, Marketing, Recursos Humanos, Finanças, Produção, Logística, Sistemas de Informação, Administração Pública, Ensino & Pesquisa, Inovação, além de outros.

Procurou-se, neste relato, apresentar um debate acerca dos principais conceitos da epistemologia positivista e fornecer insumos didático-pedagógicos àqueles que desejam explorar encontros sobre esta temática nos níveis de graduação ou pós-graduação, especialmente em nível *stricto sensu*. Para a realização dos objetivos propostos, foram apresentadas proposições teóricas que embasaram este artigo e o encontro pedagógico, assim como as ferramentas didáticas, execução do encontro e os resultados gerados pelos participantes condutores do encontro.

Tendo como pressuposto que um encontro pedagógico de qualidade sobre esta epistemologia exige uma profunda reflexão teórica e conceitual, buscou-se apresentar conceitos-chave sobre a epistemologia positivista como a história do seu maior pensador e fundador, Auguste Comte; a história da ascensão positivista na Europa e outras regiões; a história do positivismo no âmbito Brasil e seus principais pensadores como Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Pereira Barreto e Benjamin Constant; uma análise da herança positivista brasileira com base no binômio ruptura-continuidade de Bachelard e de Kuhn; o uso desta abordagem em pesquisas contemporâneas de Administração assim como suas principais críticas; e por fim foram apresentadas as principais influências.

Apresentou-se, também, a dinâmica do encontro, desde a sua preparação até os resultados obtidos. Primeiramente, elaboramos a estratégia pedagógica. Para isso, realizamos um planejamento, buscando detalhar os assuntos abordados, as estratégias de execução e os recursos necessários para a realização do encontro. A seguir, foram apresentados e detalhados os procedimentos da execução deste plano, dentre os quais se pode citar a projeção da letra da música “Positivismo”, do vídeo do seriado *House*, a solicitação de elaboração de perguntas pelos participantes e o debate geral. Por fim, foram apresentados os resultados obtidos com o encontro, seus questionamentos, os principais pontos abordados e a metodologia utilizada.

Com a apresentação das informações conceituais sobre a epistemologia positivista e as impressões sobre a estratégia didático-pedagógica adotada no encontro, conclui-se que os objetivos propostos foram atingidos, tratando o ensino de epistemologia, e, especificamente, do paradigma positivista de forma lúdica, interativa, criativa, profunda e participativa, distanciando-se das tradicionais aulas expositivas.

Recomenda-se que a experiência em sala de aula seja replicada em outras turmas do ensino superior, bem como a realização de experiência semelhante com outras epistemologias. Um encontro pedagógico de epistemologias distintas ou complementares também pode ser realizado com outra perspectiva na relação de ensino-aprendizagem do conteúdo proposto.

Referências

- Abbragnano, N. (1970). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou.
- Azevedo, C. E. F. (2011). Positivismo no Brasil: o legado positivista no final do século XIX e uma análise dessa herança com base no binômio ruptura-continuidade de Bachelard e de Kuhn. *Proceedings of International Meeting of the Iberoamerican Academy of Management*, 7.
- Azevedo, C. E. F., Gonzalez, R. K., Oliveira, L. G. L., Brito, P. N. & Abdalla, M. M. (2011). Administração: Um Campo de Estudos Positivista?. *Anais do Congresso de Administração Sociedade e Inovação (CASI)*, 1.
- Bachelard, G. (2005). *A formação do espírito científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Buelens, M., Woestyne, M. V. D., Mestdagh, S., & Bouckennooghe, D. (2008). Methodological Issues in Negotiation Research: A State-of-the-Art-Review. *Group Decision and Negotiation*, 17(4), 321-345.
- Comte, A. (1978). *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Costa, M. C. C. (2005). *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna.
- Carvalho, J. L. F., & Davel, E. (2005). Introdução: arte, administração e organizações se encontram ao correr do diálogo. *O&S - Organizações & Sociedade*, 12(32), 81-92.
- Chizzotti, A. (2003). A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. *Revista Portuguesa de Educação*. 16(2), 221-236.
- Dalmoro, M., Corso, K. B., Faller, L. P., & Wittmann, M. L. (2007). Dominância Epistemológica em Estudos do Campo: São Ainda os Administradores Positivistas? *Anais do Encontro Nacional da ANPAD (EnANPAD)*, 31.
- Davel, E., Vergara, S. C., & Ghadiri, D. P. (2007). *Administração com Arte: experiências vividas de ensino e aprendizagem*. São Paulo: Atlas.
- Dellagnelo, E. H. L., & Silva, R. C. (2005). Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração. In M. M. F. Vieira; & D. M. Zouain (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em administração*. Rio de Janeiro: FGV.
- Giannotti, J. A. (2007). Augusto Comte: vida e obra. In: H. Trindade. (Org.). *O positivismo: teoria e prática - sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. Porto Alegre, UFRGS/Unesco, 19-30.

- Grimmer, M., & Hanson, D. (2007). The Mix of Qualitative and Quantitative Research in Major Marketing Journals, 1993-2002. *European Journal of Marketing*, 41(1/2), 58-70.
- Japiassu, H. (1992). *Introdução ao pensamento epistemológico*. (7a ed.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Johnson, P., & Duberley, J. (2000). Positivism – the management mainstream? In P. Johnson, & J. Duberley (Orgs.). *Understanding management research – an introduction to epistemology*. London: Sage.
- Kelley, J. C., & Clarkson, S. J. (2011). *Recession Proof*. [Filme-vídeo]. J. C. Kelley, prod., S. J. Clarkson, dir. New York: FOX. 44 min. color. son.
- Kuhn, T. S. (2003). *A estrutura das revoluções científicas*. (8a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Lins, I. (1964). *História do Positivismo no Brasil*. (2a ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Mattos, P. L. C. L. de. (2006). Os Resultados de Minha Pesquisa Qualitativa Não Podem Ser Generalizados: Pondo os Pingos nos Is dessa Ressalva. *Anais do Encontro Nacional da ANPAD (EnANPAD)*, 30.
- Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Monteiro, L. A., Munhoz, D., & Bertholini, F. (2012). Bachelard e a Epistemologia Histórica: uma vivência sobre a formação do espírito científico. *Anais do Encontro da ANPAD (EnANPAD)*, 36.
- Oliveira, B. R. B. de, Costa, C. S. R., & Kovacs, E. P. (2011). Lentes epistemológicas e metodológicas nas pesquisas brasileiras em administração estratégica: características e pressupostos norteadores. *Anais do Encontro de Estudos em Estratégia da ANPAD (3Es)*, 5.
- Rodrigues, S., & Carrieri, A. (2001) A tradição anglosaxônica em estudos organizacionais brasileiros. *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 5(Especial), 81-102
- Santos, J. E., & Silva, E. S. (2010) A música “Positivismo” de Noel Rosa e a construção de sentidos: um estudo semântico-enunciativo da diretividade argumentativa no processo de leitura. *Almanaque CIFEFIL*, 14(2), 2275-2286.
- Tota, A. P. Cultura, Política e Modernidade em Noel Rosa. (2001). *São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 45-49.
- Valentim, O. F. (2010). *O Brasil e o Positivismo*. Rio de Janeiro: Publit.
- Vergara, S. C. (1990). Teoria prática educacional – da técnica à ética. *PUC Ciência*, 5, 12-20.
- Vergara, S. C., & Carvalho, J. L. F. (2002). A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. 42(3), 78-91.